

RICARDO ESTACOLCHIC | SERGIO RODRÍGUEZ



filhinhos de mamãe

DESTINOS DA SEXUALIDADE MASCULINA

ágalma



COLEÇÃO DISCURSO PSICANALÍTICO

Direção | Sidnei Goldberg

Colaboração | Graziela Costa Pinto





RICARDO ESTACOLCHIC | SERGIO RODRÍGUEZ

filhinhos de mamãe

DESTINOS DA SEXUALIDADE MASCULINA

Tradução
Francisco Franke Settineri

ágalma

Salvador • Bahia
2011



© Ricardo Estacolchic e Sergio Rodríguez, 1999
Título original: *Pollerudos – Destinos en la Sexualidad Masculina*
© Ágalma, 2011 para a língua portuguesa
Projeto gráfico da capa e primeiras páginas
Clóvis Borba

Editor

Marcus do Rio Teixeira

Diretor da Coleção Discurso Psicanalítico

Sidnei Goldberg

Preparação Editorial

Graziela Costa Pinto

Tradução

Francisco Franke Settineri

Revisão Técnica

Oscar Cezarotto

Depósito legal

Todos os direitos reservados

ágalma

Ágalma Psicanálise Editora Ltda

Av. Anita Garibaldi, 1815

Centro Médico Empresarial, Bloco B, sala 401

40170-130 Salvador-Bahia, Brasil Telefax: (71) 3245-7883 Tel: (71) 3332-8776

e-mail: agalma@agalma.com.br Site: www.agalma.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E82f

Estacolchic, Ricardo, 1941-2001

Filhinhos de mamãe : destinos da sexualidade masculina / Ricardo Estacolchic e Sergio Rodríguez ; tradução Francisco Franke Settineri. - Salvador, BA : Ágalma, 2011.

236p. ; 21cm. - (Discurso psicanalítico ; 11)

Tradução de: *Pollerudos : destinos en la sexualidad masculina*

ISBN 978-85-85458-31-7

1. Homens - Comportamento sexual. 2. Homens - Psicologia. 3. Papel sexual. I. Rodríguez, Sergio, 1938-. II. Título. III. Título: Destinos da sexualidade masculina.

IV. Série

11-1958.

CDD: 155.632

CDU: 159.922.1-055.1

07.04.11

11.04.11

025638

Sumário

Ecos no Inferno, 07

Sergio Rodríguez

Prefácio à edição brasileira

Homens com AGÁ(LMA), 13

Oscar Cesarotto

Prólogo, 19

Ricardo Estacolchic

1. A maldade, a babaquice e outras questões, 23

Sergio Rodríguez

2. O cuidador, 28

Ricardo Estacolchic

3. O rapaz, 33

Ricardo Estacolchic

4. Super-homem, 38

Ricardo Estacolchic

5. Filhinhos de mamãe, 46

Sergio Rodríguez

6. Presente do céu, 50

Ricardo Estacolchic

7. Jovem pai, 60

Ricardo Estacolchic

8. Você nunca me entendeu, 65

Ricardo Estacolchic

9. Toco, 68

Sergio Rodríguez

10. O senhor Bom-dia, 73

Sergio Rodríguez

11. Sem anestesia, 79

Sergio Rodríguez

12. O perdedor que ficou com o troco, 93

Sergio Rodriguez

13. Quando o falo é uma merda para o sujeito, 101

Sergio Rodríguez

14. Minha pobre mãe querida, 110
Ricardo Estacolchic
15. Papai e mamãe, 117
Ricardo Estacolchic
16. Falo, 121
Ricardo Estacolchic
17. Entre as mulheres, o dinheiro, 133
Sérgio Rodríguez
18. Desejo e fantasia, 137
Ricardo Estacolchic
19. Argumentos da vida erótica, 145
Ricardo Estacolchic
20. Um empate para reencontrar um pai, 154
Sergio Rodríguez
21. *Belle de jour*: trabalhadora sexual, 161
Sergio Rodríguez
22. Especialista em senhoras, 170
Sergio Rodríguez
23. Um cantor de igrejas sob a mortalha da mãe, 182
Sergio Rodríguez
24. Malandragem, 187
Sergio Rodríguez
25. A decadência do pênis e a ereção da TV, 193
Sergio Rodríguez
26. Viagra para um falo ortopédico, 198
Sergio Rodríguez
27. Gênero e função paterna, 201
Ricardo Estacolchic
28. Do terno ao unissex, 210
Sergio Rodríguez

Epilogando

- A sexualidade masculina tem patrão, ou patroa? 213
Sergio Rodríguez

Posfácio

- Um gênero que cria leitores, 223
Cristina Corea

Ecos no Inferno

Sergio Rodríguez

Quando vi a capa fofinha que desenharam para **Filhos de Mamãe**, saí correndo. Não pensem mal, não fugia, mas, para onde ia? Para o meu telefone vermelho. Sim, porque Ricardo, sem avisar, foi-se para o “outro lado”. Assim que chegou, a primeira coisa que fez foi ligar para me convidar. Respondi:

– *Peraí, ainda tenho alguns anos para remar “in inferno terra”.*

Xingou-me um pouco:

– *Seu sacana, você me deixa na mão...*

Ouvir isso mexeu comigo, mas não mudou minha decisão. Ficamos pensando, como nos nossos papos de bar. Dois “intelectuais” pensando são... Não, na verdade, não são nenhum perigo para ninguém, a não ser para o próprio tédio. Contudo, como além de intelectuais somos – *éramos?* – caras de ação, decidimos não ser menos do que Nixon & Krushev. Um pouco megalômanos & antigos, não é? Não faz muito tempo que nos *aggiornamos*, passando para o celular vermelho. Soa um tanto PC? Voltamos sempre ao primeiro amor? Às vezes. Mas o encontramos velho & esfarrapado. Seja como for, é melhor

chamá-lo móvel vermelho, linha direta com o *Inferno*. Sim, porque assim que chegou lá, o “ruivo” tomou conta. Certo, quando São Pedro checou sua ficha corrida, mandou o diabo ao limbo – outra velharia – deixando Ricardo à frente da tropa do *Averno*. Satanás esperneou um pouco, mas teve que engolir. Não havia ponto de comparação entre as fichas, correspondendo-lhe a sentença de ficar no limbo com as criancinhas não batizadas.

Bom, estou indo pras cucuias... Metonímia senil? Por enquanto, não, ainda fico esperto, volto já... Onde é que eu estava? Ah, sim, obrigado por me lembrar! Com o celular a postos, para contar a minha conversa com Estacolchic. Escuto, do outro lado, uma certa chateação na voz.

– *Gordo, como é que você pode me acordar tão cedo?*

Está certo, era sábado, porém, como podem imaginar, o *Shabat* não se encontrava entre suas principais festas votivas. Não por renegar suas origens, coisa que jamais fez, mas por não se interessar pelas religiões em cujos relatos não há mulheres. Saquei, na hora: *Está com uma gata*.

– *Se segura, malandro, que estou ligando para lhe dar uma boa notícia. No Brasil, está para ser lançado o nosso **Pollerudos**, com o título de **Filhinhos de Mamãe**. Liga o fax, vou te mandar o facsímile da capa.*

Apesar de ter abandonado o tempo das cavernas, a era das cartas manuscritas & envelopes engomados com a língua, ele ainda resistia ao e-mail. O mano custava a acreditar.

– *Fala sério! Está indo tudo tão bem para os brasileiros... Não têm medo de escorregar, de que a gente esqueça da sua bossa nova...?*

Pois é, esqueci de contar que, fora o “carão & pedigree”, o Russo era um romântico que ficava comovido escutando Gal Costa, Chico Buarque, Vinicius & Toquinho, etc. No fundo, era um romântico. Um dos seus maiores prazeres era estar com uma “bella donna” em alguma praia brasileira. Respondi:

– *Milonguita, foram tantos os anos de Averno que te fizeram mal... Você não ficou sabendo das notícias de que o “Pra frente Brasil” se transformou numa das cinco potências mundiais?*

O Russo, que pelos seus antecedentes trotskistas dos anos 60 tinha um pensamento político próximo ao de Lula, não acreditava. Quando contei, notei a sua voz entrecortada pela emoção. Custava a crer, o stalinismo na maior merda, americanos & europeus indo pro buraco, e Brasil “pra frente”. Ele quase teve outro infarto. Mais um pouco, morria outra vez. Disse:

– *Vamos ter o orgulho de que eles nos traduzam & publiquem?* – Mesmo não parecendo, Ricardo foi sempre um cara muito modesto.

– *Sim, louco, dá um tempo, é isso aí!*

Escutei um suspiro profundo do outro lado do fone. Pouco depois, ele falou.

– *Por favor, você, que pode falar com eles, diga que estou profundamente grato. Para mim, é uma grande honra que gente de uma cultura tão importante como a brasileira divulgue nosso livro.*

Naquela hora, Sidnei me ligou no telefone fixo para me encomendar as orelhas do dito cujo. Não lhe disse que acabava de falar com Richard, como era amorosamente chamado por um dos seus amores. Não quis impressioná-lo. Já que o Brasil tem a sorte de contar com mais religiões sincréticas do que Buenos Aires, achei que não se espantaria com nossas comunicações paranormais. Mas como ainda resisto a ser internado, preferi ficar calado. Na butuca, botei as notas no papel. Nas minhas fantasias, como quando nos encontrávamos no café de Medrano & Corrientes, onde agora há um banco, signo de tempos sem poesia, uma divagação puxa outra. Então, reiniciamos nossa comunicação extrasensorial.

– *Continuemos, Sidnei já foi.*

– *Como ele estava, continua jovem?*

FILHINHOS DE MAMÃE

- Não vi, batráquio, já te disse que ele ligou.
- Mais respeito, ou chamo o meu pessoal para te trazer espetado num tridente.
- Não, perai; por enquanto, tenho umas coisas para fazer...
- Olha só o sinhozinho, coisas pendentes... Pra mim, ficaram tantas... Não deu para me despedir delas; ninguém melhor do que você conhece aquelas que dei cano... Além de uns tantos pacientes, que depois o procuraram. Gordo sacana, tirou proveito da metonímia...
- Veja só, no Inferno, a lacanagem continua...
- Tudo bem, isso ajuda para não me entediar. Além do mais, aqui também levar papo-cabeça serve para seduzir as psicólogas.
- Agora você se dedica às psicólogas?
- Não se faça de tapado, você sempre soube que elas eram as minhas preferidas. Falam menos & escutam mais...
- Que coisa! Só assim fico sabendo que as mulheres lhe interessam para conversar.
- Bom, não somente, mas...
- Mas?
- Senão, enche o saco. Quando começam a fofocar com as amigas & as cunhadas... Não suporto.
- Ricardo... Alguma vez você aguentou alguma mina por mais de cinco anos?
- Você sabe que sim, pois a conheceu bem, sabe como um fazia o outro feliz, íamos casar...
- É verdade, mas, ao mesmo tempo, você nunca largou da outra.

– *Tadinha, mas você bem sabe que ela precisava de alguém que cuidasse dela...*

– *Louco, você lembra que escreveu o capítulo intitulado “O cuidador”?*

– *E daí? Você não escreveu um chamado “O senhor Bom-Dia”? Olha que eu te conheço e não é de hoje; lembro de épocas de terno & gravata, sempre...*

– *Bom, chega de lavar roupa suja, voltemos ao assunto. Onde estávamos?*

– *Eu ganho de você. Como fiquei com 59, consigo me lembrar, mas não vou dizer. Velhaco! Qual é? Completar 73, que exagero, você parece um brasileiro.*

– *Psiu! Cala a boca! Já lhe disse que estou gravando para publicar no Brasil...*

– *E daí? Eles gostam de exagerar como seus ancestrais andaluzes, gostam de dar risada. E rir, rir, ri quem ri de si mesmo; no final das contas, com **Filhinhos de Mamãe**, não rimos de nós mesmos?*

Match point. Talvez não saibam, estimados leitores, que Ricardo gostava muito de jogar tênis. Mais, ainda: morreu após uma partida, tomando banho. Reconheci a minha derrota, mandei-lhe um abraço extra-sensorial & larguei o notebook. Achei melhor.

Tradução: Oscar Cesarotto

Sobre os Autores

Ricardo Estacolchic: Psicanalista (A.M.E.) da *Escuela Freudiana de Buenos Aires*. Ex-professor adjunto da *Universidad de Buenos Aires*. Ex-membro do comitê de redação dos *Cadernos Sigmund Freud* e da *Psyché*. Autor do livro *Apuntes clínicos de un psicoanalista* (Lugar Editorial, B. As., 1994). Ex – supervisor dos hospitais: Tobar Garcia, Aráoz Alfaro e Centro de Salud mental nº 3. Falecido em 2001.

Sergio Rodríguez: Médico. Psicanalista. Trabalhou nos consultórios externos dos hospitais *Borda* e *Tornú* e na *Clínica Psiquiátrica Banfield*. Foi supervisor e ensinou em diversos hospitais e centros de saúde mental. Ex-membro e ex-presidente de diversas instituições psicanalíticas. Fundador da revista *Psyché*, atualmente www.psyche-navegante.com. Publicou numerosos artigos em revistas especializadas. Participou como autor e/ou organizador de *En la Trastienda de los Análisis* (Ed. Letra Viva), *Psicanálise de Sintomas Sociais* (Escuta, 1998), *Lacan...Clínica de las Psicosis e Lacan... Clínica de las Neurosis* (Lugar Editorial), *Desarraigos Villeros* (Odisea 2001), *Tratamientos de Esquizofrenias, Psicosis y otras Yerbas* (Lugar Editorial), entre outros livros.

Homens com AGÁ(LMA)
Prefácio à edição brasileira

Oscar Cesarotto

È um pássaro? É um avião? Não! É Superman!

Numa longínqua galáxia, regida por um sol vermelho, Kal-El foi desmamado na marra quando seu planeta, Krypton, explodiu. Pouco antes, seus pais, Jor-El & Lana, o colocaram num foguete, para salvar sua vida, como Moisés. Caindo na Terra, ele foi recolhido & adotado pelo casal Kent. Aqui, graças ao amarelo do sol, ganhou super poderes, usados na preservação da ordem & do progresso. Este foi o mito do nascimento do herói, junto com seu romance familiar.

Sem ser esquizofrênico, desenvolveu duas personalidades. Na vida cotidiana, era Clark Kent, repórter do *Planeta Diário*, tímido & virgem de tudo. De repente, quando a ocasião requeria, corria para o banheiro, abria as roupas & saía voando. A equação corpo = falo anulava a lei de gravidade & sua força extra-humana ficava ao serviço da gravidade da lei. Invencível & indestrutível, o Homem de Aço era o *cazzo* em pessoa! Capaz de tudo, o ideal do eu de qualquer pacato cidadão, novo ou velho. Potência total!

Um porém, ou até dois: restos do planeta natal também chegaram no nosso, como *kryptonita*, nas variedades verde & vermelha. A primeira seria a causa da angústia, da perda dos

FILHINHOS DE MAMÃE

poderes, da morte. A segunda, de efeito psicodélico & imprevisível, poderia subverter o sujeito cartesiano, dialetizando seu desejo, para além do bem & do mal.

Outro porém, ainda maior: Aparentemente heterossexual, *Esperman* nunca conseguiu se dar bem com as mulheres. Na adolescência, com Lana Lang; já adulto, nem com Lois Lane, jornalista, nem com Lori Lemaris, sereia. Todas elas, uma por uma, marcadas pela instância da letra L, inicial de Lana, seu críptico supereu maternal arcaico, profundamente perdido...

(Continua)

Reza o ditado que o Dia das Mães é nove meses depois do Dia dos Pais. Quem ri por último, sorri para sempre, mesmo que ser mãe seja sofrer no paraíso; para isso, os filhos varões serão seus gozos eternos, aquém & para além de qualquer marido. Os rebentos são o consolo da inveja que nenhum pênis poderia indenizar, na equivalência simbólica que imaginariza o real da reprodução sexuada. Os filhotes da fêmea humana, unidos pela libido & lambidos pela *alíngua*, tornam-se objetos da publicidade dos produtos Johnson & Johnson. Destarte, com Narciso se espelhando no seu olhar, a mãe se torna fálica por natureza & direito adquirido.

A razão ocidental & cristã foi formatada em torno de um enigma: *Quem veio antes, o ovo ou a penosa?* O supra-sumo do sentido, como diria Lacan, oculta a cacarejante ausência do galo, doador da *gala*, declarado prescindível depois de tanto *galinhar*, pisando forte & partindo para outra. Os pintinhos enchem de orgulho a senhora sua Mãe, protegidos sob suas asas, debaixo das saias. Aqui se faz necessário afinar os códigos inter-semióticos. Nos Estados Unidos, o órgão masculino é carinhosamente apelidado de *cock*; no Brasil, de *pinto*. Na Espanha, é chamado de *polla*, enquanto *saia* se diz *falda*; na Argentina, onde este livro foi escrito, *pollera* quer dizer *saia*.... *Pollerudos*, seu verdadeiro título, foi

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

vertido como *Filhinhos de Mamãe*, por falta de melhor solução. Isto levanta uma perdidz: as línguas carentes de um significante específico corresponderiam a culturas isentas das mazelas aqui descritas? *Por supuesto que no!*

Sim pode ser dito que os autores são *porteños* até a medula, psicanalistas de profissão, formados no tango, por ócio & ofício, destros na escuta do espanhol, do castelhano & do *lunfardo*, a gíria de Buenos Aires. Seus escritos, *mano a mano*, compõem um texto único, fruto, casca & caroço da prática clínica. Os relatos, em princípio, locais, revelam-se não só internacionais, ao serem lidos em outros idiomas, mas também universalizáveis, porque a tortuosa simplicidade da sexualidade masculina, sem ser idêntica a si mesma em todos os casos, apresenta, para todos os portadores de ovos, iguais riscos & incertezas, oriundos das complexidades edipianas & da castração. Como mãe só tem *Uma*, leitores & leitoras poderão reconhecer o paradigma da masculinidade em xeque nos exemplos escolhidos, antes histórias do que prontuários, construções em análise, estórias e não *anamnesis*.

Na atualidade, a Psicanálise é criticada por não oferecer estatísticas que comprovem, quantitativamente, sua eficácia, segundo os cânones das ciências positivas. Desde sempre, foi acusada de não mostrar, por escrito, provas suficientes da qualidade dos tratamentos & procedimentos. Não adianta argumentar que a arte da interpretação pouco se presta a medidas ou protocolos: o desafio de expor a experiência & suas conseqüências obriga aos analistas a soltar o verbo. No entanto, qual seria o limite ético da eventual abertura do segredo profissional, em prol da comunicação pública? Como narrar a clínica, dando conta dos seus sucessos & percalços? Como se contam os casos?

Podemos rememorar a saga freudiana. Datam de mais de um século as primeiras preleções: o caso *princeps*, Anna O. ou Berta Pappenhein, paciente de Joseph Breuer; depois, as histéricas estudadas: Emmy de N., Miss Lucy R., Elisabeth de R., Catarina... Em relação a esta última, seja lembrado que a versão oficial do caso, publicada em 1895, teve uma coda quase trinta anos mais

tarde. Com efeito, em 1924, Sigmund Freud achou por bem abandonar a discrição, e confessou ter originalmente distorcido uma informação fundamental, por razões pudicas. Assim, ficamos sabendo que não foi o tio quem fez mal à moça, senão o pai, nada menos! *Veritas, quae sera tamen?* O que fazer, a partir daí, com o engodo prévio? Qual seria seu valor científico? Na mesma época, por ocasião da publicação das grandes cinco análises, numa introdução, seu autor dizia algo bastante significativo. Comentava que seus colegas, descrentes da seriedade da Psicanálise e ávidos de fofocas picantes, esperavam a divulgação dos seus históricos para lê-los como se fossem *romans à clef*, “destinados aos seus particulares divertimentos”. Era evidente que não ignorava esta contingência, ou seja, ficava atento ao efeito que a sua casuística provocaria nos leitores. Por isso, então, tergiversava?

Em se tratando de Jacques Lacan, as dificuldades teriam sido parecidas, porém diferentes. As boas línguas comentam que ele nunca publicava nada do seu trabalho para evitar que os pacientes pudessem ser reconhecidos. Já as más aproveitam a deixa para criticar, dizendo que o jogo lacaniano nunca foi mostrado, que o lacanismo é exclusivamente teórico, para nada terapêutico, etc.

Retornemos a Freud. Nos *Estudos sobre a histeria*, tanto tempo atrás, advertia: “...causava-me singular impressão que os meus históricos careçam de um estilo científico mais severo, e apresentem, em troca, um aspecto literário”. E é deste jeito que passa o camelo pelo olho da fechadura. Quando o analista fala da sua prática, ele pode, muitas vezes, ser objetivo & dessubjetivado. Contudo, ao contar um caso, tomando todos os cuidados, talvez precise metamorfosear o semblante, priorizando o sujeito do inconsciente para além da identificação do cliente em pauta. Como fazer isso sem falsear os dados?

Neste ponto, querendo ou não, o artifício utilizado corresponde ao campo das ficções, predicados que só se sustentam em função das convenções dos seus enunciados conjecturais. Transcrever uma análise acaba sendo uma criação cabal & literal



PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

cujo relator-escriba, tentando metaforizar o que foi ouvido & perdido, monta um roteiro particularíssimo, verídico, ainda que fictício, embora legível porque organizado segundo os usos da língua. Inevitável fórmula de compromisso, mesmo eclipsando a versão fenomenológica sob as leis da sintaxe, a prudência ética & as benesses da etiqueta, fará sempre, de toda & qualquer descrição, uma hipótese sobre o fantasma. Mas, de quem? Tanto faz, enquanto transpareça, nas entrelinhas, o meio-dizer da verdade, estruturada segundo a linguagem. Todavia, um preço tem de ser pago: tal literatura deve ser verossímil, como condição para que a ficção possa ser científica...

Boa leitura!



Prólogo

Por sugestão de Sergio Rodríguez, começamos a trocar ideias a propósito dos pacientes masculinos que entrevistamos ou tomamos em análise, cujo modo de encarar a vida sexual – e a vida, simplesmente – ficava determinado de forma quase exclusiva, como que impresso, em caracteres grossos e indeléveis, por uma fixação à mãe.

Desse modo, foram-nos surgindo lembranças de situações clínicas em que, por meio de superfícies na aparência muito diversas, esses caracteres sempre se punham em destaque (às vezes, de maneira patética, outras, cômica e, em certas ocasiões, de modo quase escandaloso), tanto quando se achavam inscritos, manifestando-se de forma contrária à intencionalidade declarada pelo sujeito, como quando eram assumidos com aceitação ou entrega incondicional, inclusive defendidos com uma ingenuidade que beirava o angelical, protegidos como o núcleo do ser e do verdadeiro.

À medida que anotávamos nossas recordações (e “nossas” aqui deve ser lido em sentido amplo), a idéia de um livro foi sendo modelada.

Cada um de nós escrevia episódios ou capítulos e os submetia à crítica e discussão do outro. Isso explica, em parte, as

diferenças de estilo nas proposições e opiniões emitidas. Não obstante, parece que na primeira edição (1995) se obteve uma composição aceitável; com efeito, embora nela os artigos não estivessem assinados, muitos leitores que nos conhecem chegaram a se confundir quanto à autoria em um ou outro artigo.

Enquanto revisávamos o que já estava preparado, foi-se tornando mais evidente que esses homens, a quem a língua portenha costuma chamar de *pollerudos*^{*}, não fazem mais que sublinhar e colorir traços que se acham por toda parte nos destinos da sexualidade masculina, ainda que às vezes muito dissimulados, deslocados, ou metaforizados.

Desse modo, o sagrado, o intocável e virginal custodiado por rituais e orlado de tabus, isso que provoca todo tipo de temores reverenciais porque o infiltra e espreita a baixeza, fantasias de prostituição, escândalo – tudo isso, para Freud, aludia a sua origem comum no inconsciente.

E também os denodados esforços reparatórios do sujeito quando encontra uma dama que supõe não-indene, a mão de obra que tem para indenizá-la, *torná-la indene* uma vez e outra, encontrando nessas empreitadas o sentido de sua vida.

Assim como o herói de novelas ou o pequeno herói galante de todos os dias, este que vê no moinho de vento a ocasião de fazer a vigília das armas e aprontar-se para um combate glorioso, que a amada lerá como um poema oferecido a ela, lerá com olhos um pouco úmidos e o coração enfim reparado.

De acordo com as comunicações que recebemos, alguns se sentiram por vezes reconhecidos em uma ou outra página; em outras ocasiões, refletidos, e, de tanto em tanto, feridos no amor próprio.

O humorista Rudy, a quem solicitamos a amabilidade de apresentar a primeira edição, exclamou, depois da leitura:

^{*} O termo *lunfardo* designa um homem falho de caráter, dependente das mulheres, que, no aperto, foge para a barra da saia da mãe. Optamos por traduzi-lo por “filhinho de mamãe”. Obs: as notas, salvo quando indicado, são sempre dos autores. (N. do E.)



PRÓLOGO

“Esses caras, de onde me conhecem?”

Outras vezes, o impacto na subjetividade nos chegou via telefone, nem sempre louvações. Não faltaram telefonemas anônimos de intenção mordaz e ligeiramente agressiva, talvez porque algum valor tido como sacro tenha sido objeto de certa ironia ou porque não é totalmente certo que o que “sempre foi assim, sem dúvida”, não acabe revelando, cedo ou tarde, um fundo resvaladiço ou extremamente problemático. Essa é uma das verdades da análise e das reservas e resistências que costuma gerar.